

CULTURA CORPORAL E EDUCAÇÃO FÍSICA A PARTIR DA FILOSOFIA MARXISTA

Rafael Romano¹

<https://orcid.org/0000-0003-3530-6280>

RESUMO

Há na geração de conhecimento, especialmente no campo da Educação Física, um conflito histórico no Brasil entre duas visões teórico-pedagógicas e epistemológicas. Neste estudo, o foco é dado à cultura corporal, contrastando com a visão da aptidão física na área da Educação Física Escolar no Brasil. O objetivo é destacar a importância do conhecimento da cultura corporal como resultado do trabalho, em sua dimensão intangível e essencial para a existência humana, como fator determinante da expressão cultural do corpo, ultrapassando a ênfase na aptidão física. Neste sentido, teve como base teórico-metodológica os princípios da filosofia marxista, no contexto do Materialismo Histórico e do método Dialético. Enfatizamos, por fim, a relevância da cultura corporal como componente da cultura e produção humana, que molda a expressão do corpo dos indivíduos, através da organização das atividades corporais, expansão do patrimônio cultural da humanidade e superação das formas de expressão corporal baseadas na ideia de aptidão física.

Palavras-chave

Cultura corporal; Educação Física; Aptidão física. Filosofia marxista.

CORPORAL CULTURE AND PHYSICAL EDUCATION FROM THE MARXIST PHILOSOPHY

ABSTRACT

In the generation of knowledge, especially in the field of Physical Education, there is a historical conflict in Brazil between two theoretical-pedagogical and epistemological views. In this study, the focus is given to body culture, contrasting with the vision of physiotherapy in the area of School Physical Education in Brazil. The objective is to highlight the importance of knowledge of body culture as a result of work, in its intangible and essential dimension for human existence, as a determining factor in the cultural expression of the body, going beyond the emphasis on physiotherapy. In this sense, the theoretical-methodological basis was based on the principles of Marxist philosophy, in the context of Historical Materialism and the Dialectical method. Finally, we emphasize the sign of body culture as a component of culture and human production, which shapes the expression of the body of individuals, through the organization of body activities, expansion of the cultural heritage of humanity and overcoming the forms of body expression inspired by the idea of physics.

Keywords

Body culture; Physical education; Physical aptitude. Marxist philosophy.

Submetido em: 09/06/2023 – **Aprovado em:** 10/07/2023 – **Publicado em:** 13/07/2023

¹ Doutorando em Educação pelo ProPEd/UERJ. Pesquisa financiada com recursos PROEX-CAPES. E-mail: rafaelromano1987@hotmail.com



1 INTRODUÇÃO

Este estudo em questão aborda a Cultura Corporal no contexto da Educação Física Escolar no Brasil, considerando-a como resultado do trabalho e fator determinante para a existência humana, em contraposição à concepção de conhecimento baseada na aptidão física. Vale ressaltar que não pretendemos apresentar inovações ou novas direções para a discussão pedagógica e/ou epistemológica nessa área. A discussão sobre o estatuto pedagógico, especialmente epistemológico e científico, tem sido realizada há anos, sem um consenso entre os teóricos quanto à especificidade e identidade do objeto de conhecimento, como mencionado por Bracht (1999) e Silva (2014).

No entanto, considerando a Educação Física como uma prática pedagógica que intervém no ambiente escolar e se apropria do conhecimento científico de outras áreas para embasar seu objeto e práticas educativas, este artigo foi elaborado com o propósito de reiterar e apresentar pressupostos fundamentais da concepção da Cultura Corporal no embate teórico-pedagógico que permeia a Educação Física no Brasil desde as décadas de 1970, 1980 e 1990 (BRACHT, 1999; COLETIVO DE AUTORES, 2012; ALBUQUERQUE; TAFFAREL, 2020; CASTELLANI FILHO, 2020; PEREIRA; NUNES; BARRETO, 2010).

No que diz respeito à discussão pedagógica na Educação Física, segundo o Coletivo de Autores (2012), existe um embate entre duas perspectivas no currículo da Educação Física escolar: a aptidão física e a Reflexão sobre a Cultura Corporal. Nosso objetivo é descrever esse confronto e, por fim, posicionar-nos em defesa da Cultura Corporal como forma de superar e incorporar as manifestações corporais da concepção de aptidão física. Reconhecemos, é claro, que existem outras perspectivas e objetos de conhecimento relevantes para a área, como a cultura corporal, cultura corporal de movimento (BRACHT, 1999), entre outras, originadas do Movimento Renovador.

A abordagem pedagógica da Educação Física no Brasil, baseada na concepção de aptidão física, principalmente se manifestou no tratamento de dois elementos ou conteúdos: ginástica e esporte (BRACHT, 1999). É importante destacar que o conhecimento em Educação Física que prevaleceu no contexto brasileiro, ocupando os espaços e tempos escolares, tem origem europeia e foi desenvolvido nas Escolas de Ginástica (séculos XVIII/XIX) para atender às demandas da nova sociedade em desenvolvimento (sociedade moderna/capitalista) (SOARES, 2012). A autora argumenta que, nesse ponto de vista, a Educação Física nas escolas brasileiras assumia uma abordagem biologicista e eugenista, pois, com base em conhecimentos de natureza biológica, médica e militar, ela incorporava e expressava gestos automatizados e disciplinados, tornando-se protagonista de um corpo "saudável" (SOARES, 2012). O conceito de "corpo saudável" almejado pela aptidão física seria simplesmente o resultado produzido pela Educação Física em seu papel social de "educação física", uma característica necessária para a formação da sociedade capitalista e do liberalismo econômico.

As bases teóricas da perspectiva da aptidão física estão fundamentadas em uma Teoria do Conhecimento de abordagem positivista (Filosofia Positivista de Auguste Comte). Em resumo, considerando as limitações deste artigo, Soares (2012) descreve a Filosofia Positivista como um estudo da sociedade por meio da "física social", em que seu objeto de análise (sociedade e fenômenos sociais) é compreendido e interpretado a partir de leis naturais e invariáveis. Portanto, a Educação Física seria a expressão de uma visão biológica e naturalizada da sociedade e dos indivíduos (SOARES, 2012).

O Coletivo de Autores (2012) também contribui para a descrição e compreensão dos pressupostos que fundamentam e materializam as práticas pedagógicas da perspectiva da aptidão física, caracterizando-a como uma concepção a-histórica e interessada em favorecer as tendências da classe dominante. Com base em fundamentos sociológicos, filosóficos e biológicos, essa abordagem visa educar o homem forte, apto e disposto a alcançar uma posição privilegiada na sociedade de livre concorrência.

Busca-se, por meio da educação, adequar o indivíduo à sociedade, alienando-o de sua condição de agente histórico capaz de interferir em sua transformação. Utiliza-se da filosofia liberal para moldar o caráter do indivíduo, valorizando a obediência, o respeito às normas e à hierarquia. Apoiar-se na pedagogia tradicional influenciada pelo viés biologicista para adestrá-lo (COLETIVO DE AUTORES, 2012).

A perspectiva da aptidão física, na Educação Física brasileira, estava embasada na Pedagogia Tradicional, entendida como uma abordagem educacional em que o processo de ensino-aprendizagem é centralizado no professor, cabendo ao aluno o papel passivo de realizar as tarefas exigidas (Saviani, 2012). Nessa perspectiva, o conhecimento relacionado à aptidão física deveria ser assimilado pelo aluno como uma forma de exercícios corporais visando atingir o máximo rendimento de sua capacidade física (COLETIVO DE AUTORES, 2012). O ensino dos esportes, por exemplo, era orientado para o alto desempenho, com foco na técnica e tática, sem considerar outros aspectos pedagógicos, como os elementos históricos, sociais e culturais que os fundamentam, organizam e expressam.

Diante do exposto, nosso objetivo ao abordar a Cultura Corporal em contraposição à perspectiva da aptidão física é destacar o conhecimento produzido no campo da Educação Física como resultado do trabalho, no âmbito do trabalho imaterial e essencial para a existência humana, como fator determinante e constituinte da corporeidade e cultura dos sujeitos históricos e sociais, de forma crítico-superadora, histórica e culturalmente.

2 OS CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Após apresentar a concepção de aptidão física na Educação Física Escolar brasileira, realizamos uma revisão bibliográfica em autores da área que abordam a Cultura Corporal sob a perspectiva da filosofia marxista e do Materialismo Histórico-Dialético. Esses autores destacam a importância do trabalho na elaboração das bases materiais da existência humana

e nos processos de produção e disseminação do conhecimento, especialmente na Educação Física e na Cultura Corporal.

Nessa abordagem, consideramos a historicidade dos processos sociais e dos conceitos, bem como as condições socioeconômicas de produção e as contradições presentes nas práticas sociais. Utilizando o método Dialético, interpretamos a realidade de maneira dinâmica e abrangente, levando em conta suas categorias, que fornecem princípios de sistematização, sentido, cientificidade, rigor e relevância para a investigação (KUENZER, 1998).

No que diz respeito às categorias metodológicas, as que nos fornecem suporte investigativo são: totalidade, entendida como a realidade em sua totalidade estruturada, passível de compreensão dialética; mediação, que abrange o conjunto de relações estabelecidas entre os fenômenos e a totalidade; e contradição, que se refere às relações antagônicas que surgem no interior dos fenômenos, gerando um movimento de ligação e unidade resultante das relações entre os opostos (KUENZER, 1998; KOSIK, 1976).

No âmbito das categorias de conteúdo, Kuenzer (1998) explica que elas são essenciais para a compreensão das mediações no plano particular, ou seja, a partir de recortes específicos, guiados pela natureza do objeto e pelos objetivos da pesquisa, concretizando-se por meio da apropriação teórico-prática do conteúdo. Como categorias de conteúdo, destacamos: aptidão física; trabalho-conhecimento; cultura corporal-Educação Física Escolar.

3 O TRABALHO E O MOVIMENTO HUMANO

Nosso ponto de partida fundamental para defender a importância da Cultura Corporal diante da perspectiva da aptidão física, que é a-histórica e alienante, e superá-la como concepção pedagógica, é compreendê-la como um produto histórico da ação humana e como uma atividade corporal incorporada na esfera cultural. Essa produção foi concretizada no corpo por meio do trabalho, que é uma categoria mediadora da ação humana na realidade concreta.

Dessa forma, como requisito metodológico, partimos da realidade concreta, que é uma síntese de múltiplas determinações e composta por uma totalidade estruturada em constante desenvolvimento e produção (KOSIK, 1976). Nesse contexto concreto, o ser humano, como um ser histórico-social, se manifesta em unidade, ou seja, como um ser total que se relaciona com a natureza e com seus semelhantes na busca pela produção de sua existência e sobrevivência.

Leontiev (1978), por sua vez, entende a essência humana como um produto da evolução gradual do mundo animal e tem origem animal, e complementa que a totalidade humana está ligada à natureza social e à vida em sociedade no contexto da cultura, gerando leis sócio-históricas como produtos do trabalho.

Portanto, é essencial situarmos nossa compreensão e aceitação da categoria do trabalho, que guia os fundamentos da Cultura Corporal. Na perspectiva marxista, o trabalho,

em sua dimensão ontológica e histórica, é entendido como a atividade humana que produz bens e serviços, além de ser um elemento constituinte essencial da práxis humana no processo de produção da existência dos indivíduos e das comunidades por meio do intercâmbio com a natureza.

Em Marx (2010), o trabalho é visto como uma atividade vital essencial. O autor enfatiza que a atividade vital é necessária para satisfazer as necessidades fundamentais e indispensáveis à manutenção física da humanidade. Além disso, o trabalho contribui para a produção consciente da própria consciência, tornando-se uma "atividade vital consciente". Resumidamente, o trabalho, enquanto atividade vital, é uma categoria mediadora que sintetiza a objetivação e a apropriação das relações humanas com seus semelhantes e com a natureza, visando produzir sua existência e consciência. Está diretamente relacionado às transformações históricas e produtivas das sociedades, contribuindo para a criação de bens materiais e imateriais.

Quando se trata da relação do ser humano com os animais, ele vai além dos limites do imediatismo e da natureza biológica. O ser humano age sobre a natureza com a intenção e a capacidade de produzir além de suas necessidades e da prole - ele age de forma universal. Da mesma forma, o ser humano se transforma e se diferencia das outras espécies animais por meio da incorporação das experiências, ferramentas e conhecimentos produzidos e compartilhados por meio da educação e da cultura. Andery et al. (2014) apresentam outra dimensão da relação entre o ser humano e a natureza, ao destacar que a natureza se humaniza ao ser explorada pela ação humana por meio do trabalho. A ação do ser humano difere da ação dos animais porque, ao modificar a natureza por meio de sua atividade, ele a torna humanizada; em outras palavras, a natureza passa a refletir a marca da atividade humana. Ao mesmo tempo, o ser humano também se modifica por meio dessa interação; ele se constrói, diferenciando-se cada vez mais das outras espécies animais. A interação entre o ser humano e a natureza é um processo contínuo de transformação mútua: esse é o processo de produção da existência humana (ANDERY et al., 2014).

Nesse contexto, Duarte (2013) destaca a especificidade e habilidade exclusiva do ser humano em criar e desenvolver suas características ao longo do processo histórico de transformação da natureza, por meio da atividade social/vital, e na apropriação da natureza transformada. Dessa forma, enfatizamos a capacidade contínua de transformação dos seres humanos. Ao agir e transformar a natureza, o ser humano também transforma a si mesmo, conferindo novos significados e sentido à sua própria existência e ao ambiente ao seu redor. Sua ação é intencional e direcionada, uma vez que seus interesses pessoais e coletivos orientam o seu movimento de exploração da natureza em detrimento da ordem e do equilíbrio natural.

Paralelamente ao processo de mudanças e evolução histórica do ser humano em sua totalidade, sua capacidade de produzir e criar os meios e instrumentos para sustentar sua existência foi sendo desenvolvida e aprimorada à medida que novas necessidades concretas e vitais surgiam, ampliando e aprofundando a diferença entre a produção animal e a produção

humana, bem como a produção de sua própria consciência como resultado do reflexo da realidade objetiva no plano do pensamento (DUARTE, 2013). Marx e Engels reforçam nossa compreensão defendendo que à medida que os seres humanos desenvolvem sua produção material e suas relações materiais, eles transformam, a partir de sua própria realidade, também o seu pensamento e os produtos desse pensamento. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência. Na primeira abordagem das coisas, parte-se da consciência como sendo o próprio indivíduo vivo; na segunda abordagem, que corresponde à vida real, parte-se dos próprios indivíduos reais e vivos, e a consciência é considerada apenas como a sua consciência (MARX; ENGELS, 2010).

Ao interagir com a natureza e ao desenvolver meios e ferramentas para garantir sua sobrevivência, o ser humano também produz conhecimento, entre outras coisas. Esse conhecimento, acumulado ao longo da história, precisa ser compartilhado entre as gerações, pois desempenha um papel crucial no avanço histórico da humanidade. De acordo com Martins (2013), esse processo permite que os indivíduos adquiram as características humanas necessárias para produzir sua existência e marca a transição da história natural dos animais para a história social dos seres humanos.

Resumidamente, ao criar sua existência ao interagir com a natureza e colaborar com seus semelhantes na construção de meios e ferramentas, o ser humano gera conhecimento que é essencial para a preservação da vida de sua espécie. Esse conhecimento se manifesta tanto em formas materiais, como na produção de instrumentos e ferramentas, quanto em formas imateriais, como crenças, valores, leis e cultura, elementos fundamentais para o funcionamento social dos grupos. Saviani (2013) entende essa produção humana como uma "natureza humana que não é inata ao ser humano, mas é criada por ele com base na natureza biofísica". Concordamos também com Lessa (2011) quando destaca que todo o conhecimento humano - parte da natureza humana - deve se tornar patrimônio de toda a sociedade por meio de sua generalização.

O autor mencionado chama a atenção para a necessidade de generalizar, disseminar e distribuir o conhecimento a todos os indivíduos, afirmando que o que era conhecido apenas por uma pessoa se torna propriedade de toda a humanidade (LESSA, 2011). É nesse processo de generalização e socialização dos conhecimentos produzidos pela humanidade que a educação desempenha um papel fundamental.

Nessa perspectiva, a educação atua como uma mediação no processo de socialização do conhecimento e da linguagem produzidos pelos seres humanos. Portanto, entendemos que a função social da educação é garantir que todos os indivíduos tenham acesso à cultura, ao saber e ao conhecimento produzido pela humanidade. Em apoio a essa visão, Martins (2013) argumenta que os processos educativos criam um ambiente propício para a aquisição das características humanas e dos comportamentos culturalmente elaborados e complexos, assim como do legado materializado pela prática histórico-social. Segundo a autora, é nesse movimento que os indivíduos enriquecem seu universo de significados, superando as formas mais imediatas e superficiais dos fenômenos.

4 CULTURA CORPORAL VS. APTIDÃO FÍSICA

No que diz respeito ao processo de produção de conhecimento, saberes e ideias, Andery et al. (2014) afirmam que a importância dessa produção humana reside em fornecer ao ser humano meios para compreender e explicar racionalmente a natureza, estabelecendo leis que orientem sua atuação. De acordo com as autoras, o conhecimento se manifesta de diversas formas, como senso comum, científico, teológico, filosófico, estético, entre outros, e é moldado pelas necessidades materiais dos indivíduos ao longo da história, bem como pelos conflitos presentes nos modos de produção e nas transições de um modo de produção para outro.

Freitas (1995), corroborando com a compreensão das autoras, explica que a organização e sistematização do conhecimento, especialmente do conhecimento científico, está diretamente relacionada ao modo de produção material da sociedade. O autor aborda a maneira como o conhecimento é tratado na sociedade capitalista, cuja organização enfatiza a separação entre trabalho e trabalhador, entre momento de concepção e momento de execução, e justifica que essa estrutura produtiva contribui para a fragmentação do conhecimento e das ciências.

O processo produtivo, segundo Freitas (1995), determina a aplicação intencional das ciências naturais nos fenômenos sociais, ou seja, a ciência, predominantemente voltada para a natureza, se torna uma força produtiva direta, resultando, conseqüentemente, em uma hierarquização das ciências baseada na lógica e nos interesses do capital. Nesse contexto, na organização racional do conhecimento guiada pela lógica capitalista, as prioridades que anteriormente estavam ligadas às necessidades da coletividade são deslocadas para suprir as necessidades do indivíduo em uma sociedade fragmentada, individualista e competitiva. Com base nesses princípios, a perspectiva da aptidão física, como discutida na seção de Introdução, enfatiza seu papel no campo da Educação Física e na educação dos estudantes.

Considerando essas considerações, refletimos sobre a materialização da natureza e da realidade concreta, evidenciada nas diversas formas de conhecimento e saberes, que compõem a totalidade dos fenômenos sócio-históricos e estão intimamente ligadas à organização produtiva das bases materiais que constituem as sociedades. Essa forma de conceber e organizar o conhecimento influencia o processo de assimilação por parte dos indivíduos/estudantes, moldando a concepção de homem e sociedade que se busca formar, uma vez que prioriza certas áreas do conhecimento que são úteis para a reprodução da lógica social existente. Esse argumento é fundamental para compreender o antagonismo entre a perspectiva da aptidão física e da cultura corporal, pois a primeira busca manter a ordem social vigente (capitalista), enquanto a segunda se apresenta como uma perspectiva contrária, visando superar a sociedade de classes.

Dentre os saberes produzidos e acumulados pela humanidade - que se tornaram parte do patrimônio cultural dos indivíduos, sendo essenciais para a existência e sobrevivência humana, na ação de objetivar e apropriar-se da natureza (tanto biofísica quanto humana) - encontram-se a Educação Física e a cultura corporal como manifestações corpóreas no âmbito da cultura. Como áreas do conhecimento, ambas se expressam de várias maneiras, abordando temas como esportes, jogos, danças, lutas, ginástica e outras formas corporais.

Escobar e Taffarel (2009) entendem a Educação Física como resultado do trabalho humano não material, inseparável do ato de produção, sujeita a leis histórico-sociais e com um valor de uso específico relacionado, entre outros aspectos, aos aspectos lúdicos, estéticos, artísticos e competitivos dos seres humanos. Como mencionado anteriormente, aquilo que não era proveniente da natureza biofísica era algo que o ser humano estava destinado a criar, construir e disseminar entre seus semelhantes. No que diz respeito à cultura corporal, durante a transição do homem primitivo para o homem contemporâneo, a construção de sua corporeidade esteve vinculada ao movimento histórico de interação e transformação da natureza, à medida que desenvolvia outras atividades e artefatos (COLETIVO DE AUTORES, 2012).

A interação e transformação do ambiente natural em que os indivíduos estavam inseridos, juntamente com a transformação de si mesmos, eram guiadas pela necessidade de realizar tarefas vitais, resultando assim no desenvolvimento e transformação corporal, ou seja, no processo de construção das formas mais básicas e rudimentares de movimento (ESCOBAR; TAFFAREL, 2009). Essa produção corporal evoluía a cada nova tarefa e demanda, levando ao desenvolvimento de novas habilidades, formas e expressões corporais, resultando em práticas corporais sistematizadas. A superação da postura, por exemplo, ocorreu por meio das relações entre os indivíduos, na busca por aprender e aprimorar as atividades corporais construídas a partir dos desafios e necessidades humanas, como fome, sede, frio e medo (COLETIVO DE AUTORES, 2012).

Na época do homem primitivo, a espécie humana não possuía a postura corporal do homem contemporâneo. Naquela época, eram quadrúpedes, enquanto hoje são bípedes. Essa transformação ocorreu ao longo da história da humanidade como resultado da relação entre o homem, a natureza e outros seres humanos. A transição gradual para a postura ereta foi uma resposta do homem aos desafios da natureza. Talvez tenha sido necessário levantar-se para colher frutos das árvores e se alimentar, criando assim uma nova atividade corporal: "ficar de pé" (COLETIVO DE AUTORES, 2012).

Concordando com a perspectiva de Saviani (2013), que afirma que o homem não nasce homem, mas se torna homem ao longo da história, os autores do Coletivo nos alertam que, nos primórdios da interação humana com a natureza, por meio da constituição das práticas corporais, o homem não nasceu pulando, saltando, arremessando, balançando, jogando, etc. Todas essas atividades corporais foram desenvolvidas em épocas históricas específicas, como respostas a estímulos, desafios ou necessidades humanas (COLETIVO DE AUTORES, 2012).

Segundo Souza (2009), é na relação dialética, histórica e contínua entre a apropriação e objetivação da natureza para a produção do ser humano que se encontra a prática social da cultura corporal, que desde os tempos mais remotos segue o movimento de constituição dos indivíduos para se tornarem humanos. De acordo com a autora, ao longo da história, as diferentes formas de posturas corporais, juntamente com as posturas morais e de valores, desempenham um papel fundamental na constituição da humanidade, conferindo-lhe verdadeira humanidade e cultura. À medida que a prática social humana se tornava mais complexa, em resposta aos desafios enfrentados na relação entre o sujeito e a natureza, as atividades corporais foram se aprimorando e passaram a desempenhar um papel ativo e produtivo na construção da história da humanidade (SOUZA, 2009).

Resumidamente, toda a produção corporal humana se concretiza como práticas objetivadas e resumidas a partir da realidade concreta dos indivíduos, que têm a capacidade de produzir códigos e símbolos que são incorporados posteriormente como cultura, especialmente a cultura corporal. Souza (2009) apoia essa afirmação ao enfatizar que a compreensão da cultura expressa na manifestação corporal permite que o sujeito se compreenda numa perspectiva histórico-cultural, pois:

"Foi com o propósito de criar e possuir cultura que homens e mulheres, por meio de um processo de aprendizagem, transformaram a natureza em um patrimônio cultural. Portanto, a expressão corporal deve ser refletida para que o sujeito possa se compreender e compreender a realidade de uma perspectiva histórico-cultural".

A ação corporal, sistematizada e manifestada como cultura e conhecimento, constitui a Educação Física como parte da corporeidade humana, tendo como objeto de análise e estudo a cultura corporal, produzida socialmente e acumulada historicamente pela humanidade, e que precisa ser transmitida às novas gerações por meio do ensino como conteúdo, visando complementar a totalidade do indivíduo.

Considerando a importância do tratamento do conhecimento da cultura corporal como prática social objetivada e sistematizada ao longo dos diferentes tempos e espaços, como na educação escolar, concordamos com o Coletivo de Autores (2012) quando afirmam que a corporeidade materializada - cultura corporal - tornou-se uma conquista da humanidade, sendo uma produção humana que se tornou um patrimônio cultural da humanidade. Todos os seres humanos apropriaram-se dela, incorporando-a em seu comportamento. Para os autores, a cultura corporal possibilita a compreensão da concepção de homem e da realidade dentro de uma visão abrangente e, ao ser abordada no ambiente escolar, integrada ao currículo, de forma crítica e superadora:

Busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o conjunto de formas de representação do mundo que o ser humano tem produzido ao longo da história, manifestadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esportes, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação

simbólica de realidades vividas pelo ser humano, criadas historicamente e desenvolvidas culturalmente. (COLETIVO DE AUTORES, 2012, p. 39)

De maneira semelhante, concordamos com a compreensão de cultura corporal apresentada por Teixeira (2018). O autor examina e amplia o conceito de cultura corporal a partir da perspectiva ontológica do ser social como resultado das interações humanas com a natureza mediadas pelo trabalho, ultrapassando a dimensão puramente biológica (aptidão física) no processo de tornar-se social. Segundo Teixeira (2018), a cultura corporal é definida como o conjunto de atividades humanas que emergem historicamente das relações sociais de trabalho; são concretizadas por meio de ações e operações que buscam satisfazer as necessidades humanas primárias ou relacionadas a elas, e que, ao longo do desenvolvimento da espécie humana, adquirem uma relativa autonomia em relação ao processo de trabalho, passando a se orientar por significados e sentidos distintos que não estão necessariamente diretamente ligados à produção da vida humana. Na reprodução social, buscam satisfazer outras necessidades humanas igualmente importantes e contribuem para o processo de humanização do ser, sendo valorizadas por si mesmas (TEIXEIRA, 2018).

Ao atribuímos à cultura corporal o papel de objeto da Educação Física, devemos estar cientes de seu papel nas relações sociais. Sua função deve estar claramente relacionada às necessidades do coletivo social, visando a construção de um projeto histórico de sociedade, ou seja, uma sociedade sem classes, estabelecida por meio de um conhecimento utilizado para garantir sua expansão e emancipação intelectual e cultural (ALBUQUERQUE; TAFFAREL, 2020). Isso enfatiza a distinção entre a concepção de cultura corporal e aptidão física, mostrando a superação desta última pela primeira.

Nessa perspectiva, como também defendido por Pereira; Nunes; Barreto (2010), é pertinente buscar uma Educação Física que tenha um objeto com uma função social definida e relacionada às necessidades do coletivo social. Considerando a estrutura social capitalista, o movimento proporcionado pela cultura corporal se alinha de forma favorável aos interesses das camadas populares da sociedade brasileira. A esse respeito, o Coletivo de Autores (2012) argumenta que a expectativa da Educação Física escolar, tendo como objeto de reflexão a cultura corporal, contribui para a afirmação dos interesses de classe das camadas populares, na medida em que promove uma reflexão pedagógica sobre valores como solidariedade em vez de individualismo, cooperação em contraste com a competição, distribuição em contraposição à apropriação, enfatizando especialmente a liberdade de expressão por meio dos movimentos - a emancipação -, negando a dominação e a submissão do homem pelo homem.

Nossa prioridade diante dessa questão é o ensino dos componentes da cultura corporal por meio da prática educativa da Educação Física. Nosso objetivo é disseminar e compartilhar, em uma abordagem crítico-superadora, o patrimônio cultural dos alunos - da humanidade - de maneira sistemática e elaborada, para que possa ser apropriado e integrado ao indivíduo, e, além disso, como elementos essenciais para fazer parte da totalidade da

existência humana, em contraposição às bases alienantes da perspectiva da aptidão física. Em outras palavras, em consonância com Pereira; Nunes; Barreto (2010), a Educação Física não deve se limitar a simples ações motoras, negligenciando suas dimensões culturais, políticas, históricas, entre outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como considerações finais, enfatizamos que nossa pesquisa revelou a importância central da categoria trabalho como atividade vital humana e, acima de tudo, consciente, que produz instrumentos, conhecimentos, cultura e, acima de tudo, vida. Nessa perspectiva, reafirmamos a necessidade de socialização e apropriação dos bens - tanto materiais quanto imateriais - produzidos pelos indivíduos em sua relação com a natureza e com seus semelhantes, mediados pelo trabalho, como forma de preservar e avançar no processo de produção da existência humana.

Entre os conhecimentos produzidos pela humanidade, destacamos a Educação Física e, em particular, a cultura corporal, que é constituída pela materialidade do corpo e se manifesta como determinante da cultura humana por meio da sistematização das práticas corporais. Portanto, sua produção, preservada ao longo da história e reconhecida como patrimônio cultural da humanidade, deve estar acessível aos indivíduos para incorporação e compreensão, contribuindo assim para o desenvolvimento de sua corporeidade e enriquecendo seu acervo cultural com uma perspectiva crítica e revolucionária, superando a visão limitada da aptidão física e suas práticas conservadoras e alienantes.

Por fim, atribuímos à escola a responsabilidade de ser um ambiente socializador dos conhecimentos produzidos e acumulados pela humanidade, especialmente no que se refere ao conhecimento da cultura corporal, por meio de sua prática pedagógica e de intervenção, com o objetivo de formar indivíduos críticos e capazes de compreender a realidade objetiva e agir sobre ela de forma ativa e protagonista, expressando-se corporal e culturalmente na coletividade e nos diferentes contextos sociais. Também destacamos a necessidade atual de defender a cultura corporal diante da influência das teses pós-modernas no campo da Educação Física no contexto histórico contemporâneo, embora essa discussão deva ser abordada em outro momento.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, J. O.; TAFFAREL, C. N. Z. Projeto histórico e projeto de escolarização: contribuições das teorias histórico-cultural, pedagogia histórico-crítica e abordagem crítico-superadora do ensino da educação física. **Revista Poiésis**, Unisul, Tubarão, v. 14, n. 25, p. 52-70, jan./jul. 2020.
- ANDERY, et al. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.
- BRACHT, V. **Educação Física e Ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. Ijuí: Editora Unijuí, 1999.
- CASTELLANI FILHO, L. Às voltas com o futuro: minhas incursões na educação física escolar. **Revista Poiésis**, Unisul, Tubarão, v. 14, n. 25, p. 52-70, jan./jul. 2020.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. 2. ed. ver. São Paulo: Cortez, 2012.
- DUARTE, N. A individualidade para si: contribuição a uma teoria histórico-crítica da formação do indivíduo. 3. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.
- ESCOBAR, M. O.; TAFFAREL, C. N. Z. A cultura corporal. In: HERMIDA, J. F. (org.). **Educação Física: conhecimento e saber escolar**. João Pessoa: EDUFPB, 2009.
- FREITAS, L. C. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- KOSIK, K. **Dialética do Concreto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- KUENZER, A. Desafios teórico-metodológicos da relação trabalho-educação e o papel social da escola. In: FRIGOTTO, G. (org.). **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.
- LESSA, S. **Introdução à filosofia de Marx**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- MARTINS, L. M. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico cultural e da pedagogia histórico-crítica**. Campinas: Autores Associados, 2013.
- MARX, K. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. 4. reimp. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. 3. reimp. São Paulo: Martin Claret, 2010.

PEREIRA, K. R.; NUNES, C. C.; BARRETO, S. J. Educação Física Escolar – breves perspectivas epistemológicas em Sánchez Gamboa. **IV Colóquio Internacional de Educação e Contemporaneidade**, 2010. Disponível em: http://educonse.com.br/2010/eixo_02/e2-117.pdf

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica**: primeiras aproximações. 11. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. 42. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

SILVA, T. J. C. Educação Física: uma revisão sobre o seu objeto de estudo. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires - Año 19 - Nº 193. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd193/educacao-fisica-seu-objeto-de-estudo.htm>.

SOARES, C. L. **Educação Física**: raízes europeias e Brasil. 5. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

SOUZA, M. **Esporte Escolar**: possibilidade superadora no plano da cultura corporal. São Paulo: Ícone, 2009.

TAFFAREL, C.; ALBUQUERQUE, J. Epistemologia e teorias do conhecimento em educação e educação física: reações aos pós-modernismos. **Revista Digital do Paideia**, vol. 2, n. 2, 2011.

TEIXEIRA, D. R. **Educação Física na pré-escola**: contribuições da abordagem crítico-superadora. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2018.